

**Uma Luz no Fim do Túnel: uma ação educativa na preservação da memória carbonífera gaúcha (Museu Estadual do Carvão – Arroio dos Ratos – Rio Grande do Sul, Brasil)**

**A Light at the End of the Tunnel: an educational activity preserving the memory of coal in the state of Rio Grande do Sul (State Museum of Coal – Arroio dos Ratos – Rio Grande do Sul, Brazil)**

**Una Luz al Final del Túnel: una actividad educativa en la preservación de la memoria del carbón (Museo Estatal do Carvão – Arroio dos Ratos – Rio Grande do Sul, Brasil)**

---

**Alexsandro Witkowski<sup>1</sup>**  
**Maria de Fátima Bento Ribeiro<sup>2</sup>**  
**Tassiane Mélo de Freitas<sup>3</sup>**

---

Recebido em: 29/11/2013

Aceito para publicação em: 2/2/2014

**Resumo:** Propriedade da extinta Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (CEFMSJ), o Complexo Carbonífero de Arroio dos Ratos (Rio Grande do Sul) funcionou de 1924 a 1956. Fazia parte dessa indústria a usina termoelétrica considerada a primeira movida a carvão mineral no país. Hoje as ruínas e os prédios do antigo complexo compõem o Museu Estadual do Carvão. Este artigo tem como objetivo principal apresentar as ações desenvolvidas pelo projeto Uma Luz no Fim do Túnel em favor da preservação da memória carbonífera gaúcha. A divulgação dessa experiência é uma forma de valorizar os museus do interior do estado como espaços educativos por excelência e não apenas como ambientes educativos complementares ou de entretenimento.

**Palavras-chave:** Complexo Carbonífero de Arroio dos Ratos; Museu Estadual do Carvão; preservação; memória; educação.

**Abstract:** Property of the defunct Railway and Mining Company of São Jerônimo (CEFMSJ), the Coal Production Complex Arroio dos Ratos (Rio Grande do Sul) ran from 1924 to 1956. The power plant was part of that industry, considered the first to be fueled by coal in the country. Today, the ruins and buildings of the old complex make up the State Coal Museum. The aim of this article is to present the actions taken by the project "A Light at the End of the Tunnel" to preserve the state's coal memory. Disclosure of this experience is a way of giving value to the museums in the state as educational spaces par excellence and not just as complementary educational or entertainment environments.

**Keywords:** Coal production complex Arroio dos Ratos; State Coal Museum; preservation; memory; education.

**Resumen:** Propiedad de la extinta Compañía de Ferrocarriles y Minería de São Jerônimo (CEFMSJ), el Complejo Carbonífero de Arroio dos Ratos (Rio Grande do Sul) funcionó desde 1924 hasta 1956. Era parte de esa industria la planta termoeléctrica, considerada la primera planta de carbón mineral en Brasil. Hoy en día, sus ruinas y edificios del antiguo complejo componen el Museo Estadual do Carvão. Este artículo tiene como objetivo presentar las medidas adoptadas por el proyecto "Uma Luz no

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Faculdade Porto-Alegrense (Fapa) e especialista em Gestão em Arquivos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Historiador no Museu Estadual do Carvão (Arroio dos Ratos – RS).

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

<sup>3</sup> Licenciada em História pela Fapa, especialista em Gestão em Arquivos pela UFSM e em RS: História, Memória e Patrimônio pela Fapa, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPEL.

Fim do Túnel” en favor de la preservación de la memoria del carbón del estado. La divulgación de esta experiencia es una forma de valorar los museos del interior del estado, como espacios educativos por excelencia y no sólo entornos educativos adicionales o de entretenimiento.

**Palabras clave:** Complejo Carbonífero de Arroio dos Ratos; Museo Estadual do Carvão; preservación; memoria; educación.

## INTRODUÇÃO

O Museu Estadual do Carvão foi criado em 31 de março de 1986 pelo Decreto Estadual n.º 32.211. Vinculado à Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (Sedac/RS), localiza-se numa área de aproximadamente 11 hectares, no município de Arroio dos Ratos. Esse museu, que no passado foi um antigo complexo carbonífero, é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE/RS). Nesse espaço destacam-se: os antigos prédios do escritório, as oficinas, o almoxarifado e o laboratório da empresa responsável pela mineração de carvão durante o período de funcionamento do complexo; as ruínas das caldeiras e galerias subterrâneas de onde o carvão era extraído; os resquícios da chaminé pertencente à primeira usina termoelétrica do país movida a carvão mineral.

O Museu do Carvão, como é popularmente conhecido, possui importante acervo museológico e arquivístico que registra a história da mineração de carvão no Rio Grande do Sul. Encontram-se nesse acervo: ferramentas e utensílios de extração mineral, peças em porcelana para eletricidade, tijolos refratários vindos da Europa, fotografias, livros, carteiras de trabalho, mapas, documentos administrativos das empresas mineradoras, *clippings* de jornais, entre outros documentos.

Além de preservar a história e a memória da mineração de carvão no Rio Grande do Sul, o Museu do Carvão atua como um centro cultural de acolhida e promoção das mais diferentes linguagens da cultura: teatro, coral, dança, escotismo, artesanato, palestras, oficinas etc.

O processo de tombamento desse antigo complexo carbonífero, a criação do Museu do Carvão e por fim o projeto Uma Luz no Fim do Túnel, objeto de análise deste artigo, são ações em que se destaca um objetivo em comum: a preservação da memória carbonífera gaúcha. Tal proposta, no entanto, não se aplica no sentido tradicional (glorificação de lembranças em torno de acontecimentos e personalidades), mas encontra seu significado na valorização da memória como caminho necessário para a preservação do legado material e imaterial deixado pelo trabalho minerador. Partindo dessa concepção, será possível estabelecer o diálogo e a problematização e assim gerar novas perspectivas, especialmente entre a comunidade da região carbonífera, que em sua maioria esteve, ou ainda está, atrelada ao trabalho nas minas de carvão.

É preciso, no entanto, atentar para o fato de que essas ações podem representar a maneira pela qual os grupos e indivíduos fazem frente à perda de uma realidade tangível e intangível. Assim, “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p. 471).

A perda, uma questão tão evidente em meio às sociedades que conheceram uma mutação acelerada, exacerba a sensibilidade patrimonial (CANDAUI, 2011). Dessa maneira, conforme um novo regime de historicidade<sup>4</sup> (HARTOG, 2006), o patrimônio surge como um recurso para o tempo de crise. No caso analisado, a perda e a crise estão relacionadas ao retraimento da atividade mineradora, ou mesmo à sua completa paralisação.

<sup>4</sup> O “presentismo”, o novo regime de historicidade apresentado por Hartog (2006), guardaria em si a ideia de um tempo “onde se vive entre a amnésia e a vontade de nada esquecer”.

Nora (1993) afirma que há locais de memória porque não há mais meios de memória, ou seja, o fenômeno da mundialização, do fim das sociedades-memória e das ideologias-memória, que asseguravam a passagem regular do passado ao futuro, fez nascer o sentimento de não haver uma memória espontânea. Assim, “é preciso criar arquivos [...], manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres” (NORA, 1993, p. 13).

Portanto, por meio de ações que buscaram a valorização da memória carbonífera se tornou possível preservar espaços como o antigo Complexo Carbonífero de Arroio dos Ratos e avançar rumo a uma proposta que visa “trabalhar com a potência da memória para alimentar a própria história” (RAMOS, 2004, p. 84): o projeto Uma Luz no Fim do Túnel.

## A MINERAÇÃO DE CARVÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Há cerca de 200 anos, um combustível fóssil muito importante para fazer mover as máquinas surgidas com a Revolução Industrial foi descoberto numa inóspita região do Brasil: o carvão mineral. Tratava-se da atual Região Carbonífera do Baixo Jacuí, no estado do Rio Grande do Sul, que ao longo do tempo passou a ter importância na conjuntura nacional pelo fato de oferecer meios para o desenvolvimento econômico brasileiro, especialmente nos ramos de extração mineral e de geração térmica de energia elétrica.

A denominada Microrregião Carbonífera do Baixo Jacuí compreende os atuais municípios de Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, Eldorado do Sul, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Triunfo. “Esta área está compreendida entre os paralelos 29°37’ e 30°38’ de latitude sul e os meridianos 51°15’ e 51°14’ de longitude oeste de Greenwich” (HASENACK; GUERRA, 2000, p. 15).

Conforme abordado na obra de Carlos Alfredo Simch (1961), a descoberta do carvão no Rio Grande do Sul aconteceu em fins do século XVIII por um soldado português que, vagando pela região do hoje município de Minas do Leão, encontrou o carvão de pedra e enviou uma amostra a Rafael Pinto Bandeira, a maior autoridade da capitania naquele período.

Mas somente em 1853 Luiz Vieira Cansanção de Sinimbu, o Visconde de Sinimbu, então presidente da província, entrou em contato com o experiente mineiro inglês James Johnson, a fim de iniciar a empreitada da mineração de carvão no Rio Grande do Sul. Após conseguir uma concessão do governo imperial, Johnson começou as pesquisas e a extração de carvão no atual município de Arroio dos Ratos.

Não demorou muito para que a companhia inglesa formada por Johnson em 1872, The Imperial Brazilian Collieries C. Limited, viesse à falência. Os problemas graves e diversificados (SULZBACH, 1989) afastaram Johnson do empreendimento e levaram a empresa à ruína no ano de 1878.

Em 1883 foi então formada a Companhia das Minas de Carvão de Pedra de Arroio dos Ratos, empresa que contribuiu para a construção da nova estrada de ferro para o porto de Charqueadas, local onde o carvão passou a ser embarcado para comercialização. Dois anos após a formação dessa companhia carbonífera, Arroio dos Ratos recebeu a visita da princesa Isabel, a fim de “batizar” um poço de mineração com o seu nome, o poço D. Isabel. Essa empresa também não resistiu às dificuldades (falta de apoio dos governos), vindo a falir em 1888 (SULZBACH, 1989).

No ano seguinte (1889), meses antes da proclamação da República, uma nova firma instalou-se em Arroio dos Ratos. Tratava-se da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (CEFMSJ), que tinha sua sede no Rio de Janeiro. Segundo Cristina Ennes da Silva (2007), a CEFMSJ foi responsável pelo aumento da produção de carvão, em virtude da abertura de novos poços de extração. Pela empresa, em 1924, foi fundado um complexo carbonífero em Arroio dos Ratos, que incluía um poço de extração de carvão e uma usina termoeletrica – a primeira a gerar energia no Brasil pela queima do carvão mineral.

**Figura 1** – Usina termoeletrica de Arroio dos Ratos em funcionamento (1935) – Poço Fraternidade (ou Poço 1) – CEFMSJ



Fonte: Acervo do Museu Estadual do Carvão

A aparente opulência vivida pelo distrito de Arroio dos Ratos durante a década de 1940 (escolas, clubes, cinema, hospital etc.), arraigada no paternalismo, contrastava com o processo rudimentar de extração mineral, que muitas vidas ceifava pela disseminação de doenças pulmonares e tragédias no subsolo.

O fim das atividades de mineração em Arroio dos Ratos, junto com o consequente fechamento da usina termoeletrica (1956-1959), é relatado como um processo difícil para a cidade. Segundo Eckert (1983), “o centro minerador perde o ‘status’ de ser a cidade símbolo da mineração do carvão”. Observa-se tal condição por meio, por exemplo, do fechamento da escola conveniada ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que oferecia cursos técnicos para a especialização da mão de obra dessa comunidade. Assim:

A situação de abandono da cidade de Arroio dos Ratos é assistida pelas autoridades governamentais de então, através de uma lei que estabelece a localidade como zona em precariedade social, dada a paralisação da extração do carvão, eximindo o município do pagamento de impostos básicos, o qual é revertido em 95% na recuperação do município<sup>5</sup> (ECKERT, 1983, p. 161).

No documentário *Ouro negro: a saga do carvão* (2006)<sup>6</sup>, produzido pelo projeto Revelando Brasis, do Ministério da Cultura, evidencia-se parte do sentimento de comoção da população em relação a esse processo de desindustrialização, em que as atividades mineiras foram sendo transferidas para a cidade de Charqueadas, de modo a promover o êxodo da mão de obra.

Diante da vitória do petróleo sobre o carvão após o período da Segunda Guerra Mundial, “a população viu com muita tristeza o desmonte da estrada de ferro, a paralisação da usina, a paralisação das vilas” (LIMA, 2006). A população presenciou os trilhos da ferrovia sendo arrancados e “vendidos a preço de banana como sucata” (SULZBACH, 2006).

<sup>5</sup> A autora não faz referência à baliza temporal (número/ano) da lei nem à sua baliza geográfica (esfera estadual ou federal).

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://vimeo.com/15749032>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

Em meio a essa situação, qual destino dar aos vestígios deixados pela mineração de carvão em Arroio dos Ratos, mais precisamente às ruínas da antiga termoelétrica?

## UM ESPAÇO PARA PRESERVAR A MEMÓRIA CARBONÍFERA: A CRIAÇÃO DO MUSEU ESTADUAL DO CARVÃO

Após ter sido extinto em 1956, o complexo industrial da antiga usina foi dinamitado e aos poucos foi se transformando em ruínas. Somente em 1986 parte de sua estrutura (ruínas do prédio que abrigava os geradores juntamente com o frontão, as galerias e as caldeiras da termoelétrica) foi tombada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. Em 1993 foi a vez do tombamento do restante do complexo, formado por outros prédios, ruínas e galerias subterrâneas de onde era extraído o carvão a ser queimado<sup>7</sup>.

**Figura 2** – Ruínas do prédio dos geradores (usina) e do frontão contendo a sigla CEFMSJ – aproximadamente década de 1980



Fonte: Acervo do Museu Estadual do Carvão

Com o tombamento dos remanescentes da antiga usina, o uso social destinado a esse patrimônio resultou da sua transformação num equipamento cultural do estado – o Museu Estadual do Carvão.

Cabe salientar, no entanto, que a pesquisa, ainda em andamento, em torno da patrimonialização e musealização desse espaço aponta que esses processos foram conduzidos especialmente por um grupo de agentes do estado e pesquisadores, sobretudo das áreas da antropologia, história e museologia. Não há nos documentos analisados (decretos de tombamento e criação do museu), até o momento, indicativos de uma participação ativa dos diversos segmentos que compõem a região carbonífera (associações culturais, escolas, sindicato dos mineiros etc.) no processo de valoração do bem e consequentemente de

<sup>7</sup> Os bens foram inscritos no livro do tomo histórico do estado do Rio Grande do Sul, o primeiro tombamento contendo o número de inscrição 34, e o segundo, o número 73.

reivindicação patrimonial. O tombamento dos remanescentes da antiga usina, doados pela empresa mineradora Companhia de Pesquisas e Lavras Minerais (Copelmi) ao estado em 1983, e a proposta de “implantação e continuação do Museu Comunitário” (OFÍCIO..., 1985) foram encaminhamentos feitos oficialmente pela museóloga Maria Luiza Chaves Barcellos, que nesse período assinava a documentação sob o título de diretora do Museu do Carvão.

O museu é uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o saber, salvaguardar e desenvolver o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos da natureza e do homem (GIRAUDY; BOUILHET, 1990). Em suma, pode-se conceituar o museu como a forma pela qual nossa sociedade institucionalmente transforma objetos materiais em documentos (MENESES, 1992).

Por ser um museu histórico, é necessário atingir uma visão ampla que conceba esse espaço não como uma instituição voltada para os objetos históricos e sim para os problemas históricos (MENESES, 1992). Para tanto o museu histórico é um espaço de problematização por meio da cultura material, ou seja, trata-se de questionar com base nos objetos como forma de possibilitar ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

É nessa perspectiva da problematização e compreensão do universo sociocultural que se destaca, entre as inúmeras e complexas funções desempenhadas pelos museus, a função educativa. A educação em museus visa à preservação da memória e do patrimônio cultural e natural por meio da participação crítica de toda a população (ALMEIDA, 1997). Mais do que se tornar conhecido e divulgado, o museu necessita ser vivido (SANTOS, 2002). Assim, nesse mundo em constante transformação, o conceito de museu estático está sendo substituído pelo de museu dinâmico. Os equipamentos culturais precisam interagir com a comunidade local em que estão inseridos, estimulando o debate e as ações cidadãs e apontando – em conjunto – novos horizontes para o desenvolvimento regional. Assim, os museus devem ser entendidos como instituições a serviço da sociedade.

**Figura 3** – Vista do Museu Estadual do Carvão em Arroio dos Ratos (2013)



Fonte: Acervo do Museu Estadual do Carvão

## O PROJETO UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL

No ano de 1996, a Associação Cultural Butiaense (Acub) – Butiá/RS – foi comunicada sobre um ato contrário à preservação da memória e do patrimônio histórico da região carbonífera gaúcha: a ameaça de incineração de dez toneladas de uma massa documental pela própria empresa que a gerou. Tratava-se do acervo Cadem (Consórcio Administrador de Empresas de Mineração). Esse consórcio controlou a exploração do carvão mineral de 1936 até 1964, dando origem à Copelmi, atualmente Copelmi Mineração Ltda., empresa que até hoje atua nas atividades de mineração de carvão no Rio Grande do Sul.

O acervo Cadem esteve por 12 anos sob a guarda da Acub, abrigado num ambiente impróprio para sua preservação.

Em 2008 iniciou-se o processo de formação de um grupo de voluntários interessados em salvaguardar adequadamente a documentação ameaçada de destruição. O grupo era formado por historiadores, acadêmicos de História, arquivistas, sociólogos e bibliotecários, que por sua vez desenvolviam pesquisas acadêmicas sobre a região carbonífera ou atuavam profissionalmente na região.

Após uma reunião do grupo voluntário, foi levantada a ideia de começar um projeto educativo visando à preservação do acervo documental Cadem e conseqüentemente da memória da região. Os primeiros passos dessa iniciativa incluíram a comunidade escolar pertencente aos diversos municípios da região carbonífera. Surgia então o projeto Uma Luz no Fim do Túnel, um título alusivo ao trabalho do mineiro do carvão, que após uma jornada exaustiva, no fundo escuro do chão, encontrava a luz ao sair do túnel de escavação.

A primeira etapa dessa ação educativa foi realizada nas dependências do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (Ifsul – *campus* Charqueadas) no ano de 2009 e teve como objetivo promover a salvaguarda da massa documental em questão por intermédio de ações de higienização e elaboração de um inventário inicial, visando à posterior construção de um banco de dados acessível ao público e ferramentas virtuais em favor da divulgação do acervo. Nessa etapa do projeto, cerca de 50 estudantes tanto do *campus* Charqueadas quanto de outras escolas e universidades da região participaram das oficinas de higienização de documentos.

A linha de ação do projeto foi desenvolvida em dois blocos. Primeiramente houve um ciclo de palestras ministrado por historiadores, que trouxe como temas: a história da mineração de carvão no Rio Grande do Sul e dos trabalhadores mineiros; após palestras ministradas pelo arquivista da equipe, noções de patrimônio, organização e higienização de documentos em suporte papel. Já durante o segundo bloco foram realizadas ações práticas de higienização do acervo.



**Figura 4** – Estudantes realizando higienização de carteiras de trabalho (Ifsul campus Charqueadas – 2009)



Fonte: Acervo do projeto Uma Luz no Fim do Túnel

A compreensão dos participantes em relação às noções básicas de patrimônio e preservação, durante a primeira etapa do projeto, foi evidente. Se antes demonstravam ter uma noção de patrimônio “selecionadora e elitista”, esse olhar foi se modificando no decorrer das oficinas. O fato de tocar, ler e apropriar-se do universo concreto e informacional evocado pelo documento fez com que se ampliasse a noção de patrimônio e aumentasse o interesse pela busca de preservação da memória carbonífera.

Atuando na mesma linha de ação, o projeto Uma Luz no Fim do Túnel transferiu suas atividades para o espaço do Museu Estadual do Carvão em 2011, onde foi capaz de estreitar os vínculos entre museu e educação. Com o envolvimento do museu nessa atividade foi possível repensar necessidades e atrair soluções. A primeira necessidade era a criação de um espaço permanente que pudesse abrigar o acervo Cadem e posteriormente servir ao público. Com a intervenção de órgãos ligados à preservação do patrimônio histórico-cultural (IPHAN e IPHAE/RS) e por meio da parceria da iniciativa privada (Copelmi), durante o segundo semestre de 2011 foi iniciada a obra de restauração do prédio do antigo laboratório das minas de carvão, no Museu Estadual do Carvão, que abrigará o denominado Arquivo Histórico da Mineração (AHM). O prédio foi entregue em 17 de janeiro de 2012 e está recebendo os equipamentos e mobiliários adequados para sua funcionalidade.

Em novembro de 2013 a Sedac/RS e a empresa Copelmi assinaram um termo determinando que podia ser feita a contratação de seis funcionários, inclusive das pessoas que efetuaram as oficinas do projeto Uma Luz no Fim do Túnel, para realizarem o processo de higienização e organização do acervo Cadem. Visava-se dessa maneira acelerar o acesso do público ao AHM e ampliar a proposta educativa do Museu do Carvão. Um dos objetivos educativos quanto ao acesso ao acervo arquivístico do AHM é que por meio dele alunos e comunidade da região carbonífera em geral sejam estimulados a relacionar o conteúdo das inúmeras carteiras de trabalho, das cópias administrativas dos processos trabalhistas,

dos mapas de mineração e das plantas de prédios da região (muitos deles ainda existentes) etc. aos objetos da exposição de longa duração do Museu Estadual do Carvão, entre outras coisas.

Conforme Marandino (2008), a experiência educativa dos museus é única; não é melhor nem pior que a da escola ou de outro espaço educativo qualquer, mas seria aconselhável que todos tivessem o direito de vivenciá-la. Por intermédio dela é possível, entre outras coisas, ampliar o repertório de vivências e experiências sociais, estéticas, sensoriais, de contato com informações, com conteúdos e conceitos, com visões de mundo.

O trabalho desenvolvido pelo projeto analisado não tem como intenção “escolarizar” o museu, mas promover uma forma de ação educativa, num espaço de educação não formal, que aproxime alunos e comunidade carbonífera da sua história e da sua memória, de maneira a problematizá-las e redescobri-las, comprometendo-se com sua preservação (em seu conceito amplo: conhecer, proteger, conservar e promover). Enfim, como na escola, a intervenção pedagógica no museu pode ser libertadora, construindo uma reflexão crítica e favorecendo a atribuição de significado à experiência pelo visitante enquanto sujeito do processo histórico (KOPTCKE; LOPES; PEREIRA, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Uma Luz no Fim do Túnel destacou-se por suas ações em favor da preservação do patrimônio e da memória da mineração de carvão na Região Carbonífera do Baixo Jacuí. Tendo por base uma proposta educativa, foi possível realizar uma intervenção direta na salvaguarda dos documentos que compõem o acervo Cadem.

Enquanto a vertente tradicional da museologia estava voltada para o tratamento do objeto em si, circunscrito num edifício, para um público específico e por meio de uma moldura pedagógica formal, na nova museologia o tratamento dispensado ao objeto é relacionado ao seu contexto, fazendo com que as ações desenvolvidas saiam do edifício e passem a ser exercidas de forma participativa pela comunidade.

Percorrendo os caminhos da nova museologia, o Museu Estadual do Carvão busca uma relação cada vez mais sólida com o processo educativo em museus. Após o processo de salvaguarda do acervo Cadem e dispondo do acesso aos documentos, o objetivo é ir além do conteúdo formal e pragmático da escola. Por intermédio dessa proposta, é possível fomentar o sentimento de apropriação e de pertencimento dos diversos grupos que constituem a região carbonífera do Rio Grande do Sul (escolas, associações de bairro, escotismo, clubes de mães etc.) em relação ao legado tangível e intangível deixado pela mineração de carvão e por seus trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 10, p. 50-56, set./dez. 1997.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

ECKERT, Cornelia. **Os homens da mina**: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas – Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado)– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henry. **O museu e a vida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1990.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

HASENACK, Heinrich; GUERRA, Teresinha. A área de estudo. In: CENTRO DE ECOLOGIA UFRGS (Org.). **Carvão e meio ambiente**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p. 15-17.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda; LOPES, Maria Margaret; PEREIRA, Marcelle. A construção da relação museu-escola no Rio de Janeiro entre 1832 e o final dos anos de 1927: análise das formas de colaboração entre o Museu Nacional e as instituições da educação formal. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Leopoldo, RS, 2007. **Anais...** São Leopoldo: Associação Nacional de História, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Juarez Adão. **Entrevista ao documentário Ouro negro: a saga do carvão**. 2006. Disponível em: <<http://vimeo.com/15749032>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

MARANDINO, Martha. Educação em museus e divulgação científica. **Com Ciência**, São Paulo, n. 100, 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=37&id=441>>. Acesso em: 21 set. 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Para que serve um museu histórico? In: COMO EXPLORAR um museu histórico. São Paulo: Museu Paulista, 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2012.

OFÍCIO MC/188/85. Ofício de 23 de setembro de 1985, encaminhado pela Profa. Maria Luiza Flores Chaves Barcellos, diretora do Museu Estadual do Carvão, ao sr. cel. Moacyr Domingues, então diretor do SPHAN Estadual (RS). Fonte: cópia do Expediente Administrativo n.º 44.005-19.05-85.0, folha 2. Acervo do Museu Estadual do Carvão.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e educação: conceitos e métodos. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 31, p. 307-321, jan./jun. 2002.

SILVA, Cristina Ennes da. **Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em História)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SIMCH, Carlos Alfredo. **Monografia de São Jerônimo**. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1961.

SULZBACH, Ervino Lothar. **Arroio dos Ratos**: berço da indústria carbonífera nacional. 2. ed. Arroio dos Ratos: PBS, 1989.

\_\_\_\_\_. **Entrevista ao documentário *Ouro negro: a saga do carvão***. 2006. Disponível em: <<http://vimeo.com/15749032>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

**Site**

<<http://vimeo.com/15749032>>. Acesso em: 20 nov. 2013.